

Prof. João Pedro Wizniewsky Amaral

Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac – Santa Maria/RS

Título

Estúdio de criação: o cinema como potência criadora e transformadora

Resumo

Estúdio de criação: o cinema como potência criadora e transformadora é um projeto de letramento e criação audiovisual desenvolvido em três turmas do último ano do ensino médio do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, escola pública de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. A ideia do trabalho surgiu devido a reivindicações dos próprios discentes de que a escola é desmotivante e pouco estimula a prática criativa; desenvolvemos durante 9 meses (de maio de 2017 a janeiro de 2018) esse projeto educacional, pois entendemos que o cinema é uma forma de expressão em que alunos podem ser mais livres, atuantes, cooperativos, autônomos, criativos e proativos.

A metodologia foi similar às etapas de um roteiro padrão: a introdução aconteceu com oficinas de análise de produções audiovisuais; o conflito foi a desafio de os alunos criarem individualmente um personagem original; o desenvolvimento se deu após escolhermos os 3 melhores personagens de cada turma, quando, coletivamente, cada grupo teve que criar, com os três selecionados, várias possibilidades de argumentos; o clímax, por sua vez, foi a decisão em conjunto da história que seria roteirizada pelos alunos; e finalmente, o desfecho foi a gravação dos filmes. As três produções (uma por turma) chamam-se “Linhas tortas”, “O candidato” e “Tudo pela vingança” e encontram-se no youtube.

A partir de entrevistas conduzidas com professores, alunos e gestores da escola, percebemos que, após as produções, os alunos tornaram-se mais interessados em sala de aula, melhoraram o convívio em grupo e começaram a se interessar mais pelas artes e ficção em geral. Ainda, os estudantes mostraram-se engajados socialmente ao organizarem uma mostra com premiação de seus filmes em um salão aberto para a comunidade santa-mariense.

Planejamento

Há quatro anos estou lecionando no magistério estadual. Nesse tempo pude compreender alguns problemas gerais que a escola possui. Em contrapartida, também pude observar o latente potencial criativo inerente a essa instituição. Nesse contexto, percebi, em particular, um conflito entre a demanda dos alunos e a dificuldade de nós, professores, promovermos atividades diferenciadas. No entanto, entendo que o professor tem como um dever propor atividades que tensionem esse paradigma.

Desde maio de 2017 até janeiro de 2018, eu, com ajuda de dois roteiristas da TV Campus (um canal público vinculado à Universidade Federal de Santa Maria), desenvolvi um projeto de letramento e criação cinematográfica para as três turmas do 3º ano do ensino médio do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, escola onde leciono desde 2016. Essa ideia, que passei a chamar de Estúdio de criação, surgiu a partir de reivindicações dos próprios discentes, que alegavam que a escola é desmotivante e que, com aulas muito conteudistas, pouco estimula a prática criativa. Tentei, através do audiovisual, modalidade pela qual os alunos cultuam um certo fascínio, atender a esses pedidos sem perder o foco da educação. Acredito que o cinema é uma forma de expressão em que alunos podem ser mais livres, atuantes,

cooperativos, autônomos, criativos e proativos. Eu já havia tido uma experiência em ensinar elementos cinematográficos em 2016, porém de forma incipiente. Só em 2017 mesmo que planejei um trabalho a longo prazo.

A partir de entrevistas conduzidas em um primeiro momento com os alunos, notei que muitos deles são consumidores vorazes de produções audiovisuais, seja indo ao cinema, seja assistindo séries pela internet ou televisão. Alguns inclusive dominavam a usabilidade de softwares de edição de vídeo, habilidade que nunca foi incentivada em sala de aula. Então, o cinema, modalidade artística pouco explorada na escola, mostrou-se como uma ferramenta que poderia ser efetiva para a realização desse projeto.

O cinema, então, é o grande tema desse trabalho, cujo objetivo principal é gravar um curta-metragem com participação direta dos alunos em todas as frases da produção. Já como metas específicas, pretendia promover um letramento das linguagens audiovisuais para os estudantes; estimular a criação individual e coletiva em sala de aula; e ressignificar o uso de tecnologias como ferramenta de produção artística.

Com os objetivos estabelecidos, baseei-me em autores que estudam cinema e/ou educação, como Adriana Fresquet, Carlos Gerbase, José Carlos Libâneo, Marie-Christine Josso e Paulo Freire, para definir os procedimentos metodológicos do projeto. Curiosamente, notei, depois da execução da atividade, que as cinco etapas da metodologia eram similares às fases de um roteiro padrão (introdução, problema, desenvolvimento, clímax e desfecho). A introdução aconteceu com aulas de apreciação e análise de algumas produções audiovisuais. A segunda etapa, o problema, foi a proposta de criação individual: foi solicitado aos alunos que criassem individualmente uma personagem original, englobando características físicas, psicológicas, gostos e manias de seu personagem. O desenvolvimento foi a criação coletiva de um argumento (ideia para roteiro), a partir de algumas personagens criadas. O clímax foi a escolha, pela turma, da história que eles iriam roteirizar, e a última fase desse projeto foi a gravação dos três curtas-metragens idealizados pelas três turmas. As três turmas trabalharam separadamente em todo o processo.

Para iniciar a execução do projeto, eu e os alunos usamos a sala de vídeo da escola para a exibição de alguns curtas-metragens e outras produções audiovisuais. A sala era mais que satisfatória: comporta em torno de 60 pessoas e tem ótimos equipamentos de projeção de imagem e sistema de som. Na etapa da criação do argumento e na roteirização, utilizamos a sala de informática da escola, onde havia bons computadores para registrarmos as ideias de criação de argumento com os alunos. Já durante as gravações, utilizávamos os espaços físicos da escola como locações. Inclusive alguns lugares tornaram-se espaços improváveis: os alunos transformaram o hall do colégio em um banco; uma sala de aula virou uma cela de prisão; e a sala de jogos da educação infantil tornou-se uma tenda de um vidente, por exemplo. Nas gravações precisávamos, obviamente, de material para a composição do figurino e dos cenários. Isso foi de responsabilidade dos estudantes, que trouxeram de casa o que eles precisavam para a produção.

Ao longo da execução do projeto, tivemos apoio incondicional da equipe diretiva e da coordenação do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac.

Diagnóstico

A escola em que esse trabalho foi desenvolvido chama-se Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, da rede estadual do Rio Grande do Sul. Ela é a escola mais antiga da região central gaúcha: completa 117 anos em setembro deste ano. Desse modo, o Bilac, como é informalmente conhecida, possui

tradicionalidade e pioneirismo na educação de Santa Maria. Por ser uma das poucas escolas públicas localizadas no centro da Santa Maria, o Bilac acolhe alunos de todas as regiões do município.

O Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac é a escola que mais possui estudantes matriculados na cidade, contabilizando as seguintes modalidades: educação infantil, educação especial, ensino fundamental, ensino médio politécnico, educação de jovens e adultos (EJA) e o curso normal. Cabe ressaltar que o magistério é um diferencial da escola, já que é a única que oferece esse curso em Santa Maria.

Outra característica do Bilac, que pode ser justificada pela sua localização, é que a escola não apresenta alguns problemas típicos de escola pública de periferias, como pobreza extrema e violência. Em contrapartida, as dificuldades da escola se apresentam mais no nível estrutural: prédios antigos à espera de reformas (o colégio teve apenas uma reforma em mais de 100 anos) e atrasos de repasse de verbas do governo. Já a elevada quantidade de matrículas traz disparidade entre o nível de conhecimento dos alunos, posto que o Bilac acolhe alunos de praticamente todas as outras escolas da cidade, sejam públicas ou privadas. Mesmo assim, essa heterogeneidade tem como ponto positivo o intercâmbio de realidades, proporcionando aos alunos convívio e diálogo com diferentes sujeitos. Em suma, embora com algumas dificuldades, a escola proporciona todas as condições para o desenvolvimento do trabalho.

As turmas que desenvolveram o projeto foram as três únicas turmas de 3º ano do ensino médio politécnico: 301, com 23 alunos; 302, com 28; e 303, com 19, totalizando 60 estudantes participantes. Em geral as turmas eram bem eloquentes e contestadoras. Todos os alunos faziam parte de uma faixa etária entre 16 e 18 anos, com exceção de uma aluna de 20 anos, portadora de síndrome de Down.

Em nenhuma das turmas foi identificada uma dificuldade extrema para o processo ensino-aprendizagem. Todavia, os principais problemas das turmas eram a inércia e a desmotivação com qualquer atividade escolar. Pouquíssimas atividades propostas faziam-nos se interessar pelos conteúdos ou pelo próprio tempo de permanência no colégio. Portanto, a principal modificação no ambiente que eu pretendia promover com o Estúdio de criação era chamar o interesse dos alunos em colaborar para um projeto coletivo que resultasse em um produto criativo, no caso um curta-metragem. Julgo que o cinema, por eles terem contato frequente com esse tipo de produção, seria uma boa estratégia.

Para realizar o diagnóstico de aprendizagem dos alunos, articulei uma conversa informal, momento em que eles me apontaram que são vorazes consumidores de produções audiovisuais (desde cinema até vídeos no youtube, passando por séries de TV e telenovelas). Notei que, embora bons espectadores, eles não possuíam ainda boa fundamentação para avaliar ou analisar tais obras. Então, o gancho que me subsidiou foi esse interesse próprio dos estudantes.

Nessa sondagem inicial, perguntei-lhes qual foi o trabalho que eles fizeram na vida escolar que mais os marcou, ou que os deixaram orgulhosos. Afinal eles estão há praticamente 12 anos inseridos no sistema escolar e devem ter produzidos muita coisa. A resposta foi uníssona: nenhum. A única exceção foi uma turma que produziu independentemente uma peça teatral extraclasse. As respostas dos alunos provam que em poucos trabalhos os alunos dedicam empenho (talvez os trabalhos artísticos sejam exceção?), ou, fazendo crítica a nós, professores, não propomos atividades interessantes, por muitos motivos (falta de tempo, daria muito trabalho fora da sala de aula, julgamos não ter conhecimento de materiais etc.).

Tendo em vista esse contexto tedioso, acho que propor uma atividade de criação já é um diferencial e chamaria a atenção dos alunos de imediato. Já a novidade de se trabalhar com cinema, modalidade artística que não faz parte dos conteúdos regulares e é pouco usada em aulas, geraria um engajamento maior por esse caráter da novidade.

Desenvolvimento

Em maio de 2017, no início do segundo trimestre letivo, expus a proposta de gravar um curta-metragem em cada uma das três turmas do 3º ano. Aceitaram na hora. Como descrito na fase do planejamento, acredito que o cinema, uma modalidade artística que permite o exercício da alteridade, criatividade, cooperação e trabalho em conjunto, por si só já chama a atenção dos alunos. Outrossim, o fato de os alunos terem a liberdade e a possibilidade de criar uma produção artística própria já os motiva bastante.

De acordo com meu planejamento inicial, esse trabalho duraria seis meses e seria realizado em cinco etapas, curiosamente as mesmas de um roteiro padrão: introdução, problema, desenvolvimento, clímax e desfecho. Contudo contei com contratempos devidos a fatores externos e internos. A greve do magistério no Rio Grande do Sul e a decisão dos alunos de não encerrar o projeto apenas com a gravação dos curtas-metragens distenderam esse meu cronograma. Assim, concluí as atividades somente em janeiro de 2018. A seguir eu explico detalhadamente como foi cada procedimento metodológico do Estúdio de criação:

1) Introdução: o início desse trabalho aconteceu a partir de 4 aulas de apreciação e análise de algumas produções audiovisuais. Assistimos um trecho do filme *Relatos selvagens*, um episódio da série “*Black mirror*” e os seguintes curtas-metragens: *Le miroir*, *Bear*, *The present* e *Alike*. Após a exibição de cada filme, pedi primeiramente para cada turma questões subjetivas (o que acharam do filme? O que sentiram ao assistir? O que mais chamou a atenção de vocês? Etc.). Em seguida passei para perguntas mais técnicas: como tal personagem foi representado? Como era o espaço do filme? Qual foi a sequência de eventos? Como era a trilha sonora? Como era a cor? Dentre os elementos de narrativas audiovisuais, estudamos, baseado em teorias de Adriana Fresquet e Carlos Gerbase, o conceito de personagens (bem como a criação e representação das mesmas), além da sequência de um roteiro padrão (enredo). Quando expliquei sobre a criação de personagens, problematizamos em aula a questão da importância da diversidade em relação a criação de personagens, pois isso diz respeito a representatividade. A arte é uma forma de inclusão e, portanto, é importante representar personagens que contemplem os diferentes grupos sociais (principalmente no que se refere a minorias), classes, etnias, religiões e gêneros. Creio que os alunos entenderam bem essa questão, sobretudo porque as turmas eram heterogêneas nesse sentido. Esta fase caracterizou-se, assim, como uma sensibilização ao cinema e ao audiovisual.

2) Problema: essa segunda etapa caracterizou-se como o primeiro desafio lançado para os alunos. Propus uma atividade de escrita criativa para ser feita em casa. Feitos alguns exercícios orais e escritos sobre representação de personagens, solicitei a cada aluno que criasse individualmente uma personagem original. A descrição escrita deveria englobar características físicas, psicológicas, gostos, hábitos, atitudes e manias. Aqui ressalto o surpreendente empenho dos alunos, posto que, de 60 alunos das três turmas, apenas dois não entregaram a atividade proposta. Considerando que essa tarefa não valia nota, embora o projeto foi avaliado qualitativamente, o comprometimento discente foi significativo. Ainda no que tange à criação de personagens, algumas das descrições mostraram-se maravilhosamente criativas, como pode-se observar no arquivo anexo que contém todas as produções dos discentes. Dentre as personagens, houve relatos em primeira pessoa, personagens com conflitos pessoais acentuados e até a representação

de uma pipa. Ora, em nenhum momento pressupomos que as personagens poderiam ser objetos. Havia personagens animais nos curtas-metragens analisados, porém em nenhum momento mencionamos objetos, o que demonstra o alto grau de criatividade dos alunos. Ao fim do trabalho, conduzi entrevistas com alguns dos alunos para ter o retorno sobre a atividade, e muitos mencionaram que essa etapa foi a mais difícil, já que eles iniciaram uma criação sem base nenhuma. Por outro lado, essa dificuldade foi transformada em ótimos resultados.

3) Desenvolvimento: essa etapa foi concretizada em uma aula, após uma professora de literatura de outra escola escolher as três melhores personagens de cada turma, levando em consideração os seguintes critérios: originalidade, complexidade e profundidade. Com as três personagens de cada turma definidos, propus outro desafio de criação, mas agora de forma coletiva. Cada turma deveria criar um argumento (ideia para um roteiro) que, necessariamente, contemplasse as três personagens escolhidas. Para tanto, realizei uma tempestade de ideias, um *brainstorming*, em que todos deveriam dar sugestões. Registrei todas as ideias indiscriminadamente. Os estudantes afirmaram que essa etapa foi divertida, visto que todos os alunos deram opiniões e houve um grande intercâmbio de ideias entre os alunos ao debater certas sugestões. Foi interessante notar que algumas sugestões eram complementadas e até problematizadas por outros colegas, o que gerou uma boa interação entre os alunos. Muitos divertiam-se com ideias engraçadas e, às vezes, chocavam-se quando surgiam temas mais pesados, como violência ou morte. Todas as sugestões podem ser lidas no anexo com as produções dos estudantes.

4) Clímax: essa etapa foi a escolha da história da turma e sua roteirização. Com base em todas as ideias expostas pelos estudantes, duas turmas fizeram uma votação para escolher a que julgavam melhor para ser transformada em roteiro, enquanto outra turma juntou vários elementos das ideias iniciais e os transformou em outro argumento. Com o argumento escolhido, quatro alunos de cada turma se prontificaram espontaneamente a transformar a ideia em um roteiro para cinema. A despeito de não mostrar para os alunos exemplos de roteiro ou detalhes técnicos, eu expliquei que, para se escrever um roteiro, deveríamos dividir a narrativa em cenas, discriminando diálogos e descrevendo minuciosamente ambientes e figurinos. Nesse trabalho estive muito mais preocupado com o engajamento da turma e a criação em si do que um saber técnico de roteiro ou de operação de câmeras, por exemplo.

5) Desfecho: a última fase desse projeto foi a gravação dos três curtas-metragens idealizados pelos estudantes. Com os três roteiros concluídos, começamos a organizar, uma turma por vez, os horários de gravação. Os educandos dividiram-se naturalmente em papéis de direção, produção e atuação, mobilizando-se em prol de seus filmes, mostrando-se bem dispostos a participarem de todas as etapas da produção. Os equipamentos de gravação e captação de áudio foram conseguidos através da parceria com dois funcionários da TV Campus (canal público universitário vinculado à Universidade Federal de Santa Maria). Aqui nos deparamos com um grande problema. Durante a primeira gravação, foi deflagrada a greve do magistério do Rio Grande do Sul, que veio a durar por volta de três meses. A princípio deixamos em suspenso as filmagens. Mas quando notamos que a greve ia se alongar, propus aos alunos gravarmos durante a greve ou em horários a combinar. Foi muito gratificante ver os alunos articulando, em grupos de trocas de mensagens, os detalhes de cada gravação, como a organização para toda a produção, seja para o figurino, seja para o cenário, seja para locações. Essa etapa durou de setembro de 2017 até dezembro de 2017. A pós-produção (edição e montagem) foi feita pelos dois roteiristas da TV Campus. Os três curtas-metragens resultantes dessa atividade foram intitulados pelos próprios alunos de Linhas tortas (<https://www.youtube.com/watch?v=-BIXIar285E>), O candidato (<https://www.youtube.com/watch?v=KDpxelDLfCM>) e Tudo pela vingança (

<https://www.youtube.com/watch?v=BeQFmpIfIE0>) e estão disponíveis publicamente no youtube. As fotos dos bastidores estão em arquivo anexo.

Até então eu já estava mais que realizado com o trabalho em si e a produção bem-sucedida. Mas eis que os alunos tiveram a ideia de estender esse trabalho. Por vontade própria, as três turmas organizaram um festival com suas produções. Chamado de FEBIC, Festival Bilaquiano de Curtas, o evento foi aberto ao público e aconteceu no salão da CESMA (Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria), no dia 18 de janeiro de 2018. Além da exibição dos três filmes, os alunos idealizaram uma premiação ao estilo do Oscar, com um júri formado por cinco especialistas da cidade na área do cinema ou da educação. Houve premiações de bilaquitos (o nome dos prêmios fazendo referência à escola e aos kikitos, do Festival de Cinema de Gramado) nas seguintes categorias: melhor atriz, melhor ator, melhor elenco, melhor figurino e maquiagem, melhor produção, melhor direção, melhor clímax, destaque popular e melhor filme. O evento repercutiu na cidade através da mídia local e da comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, pais e responsáveis e até pela 8ª Coordenadoria de Educação).

Até hoje tenho a sensação de que a noite do FEBIC não acabou. Vez e outra encontro algum aluno que comenta sobre o fascínio da noite do festival, ou recebo parabéns de algum colega, afirmando que aquela foi uma noite de gala inesquecível da escola. Parecia que os estudantes trabalhavam na área de organização e divulgação de eventos há tempos. Por isso creio que essa noite de culminância do projeto foi um marco não só para mim e para os alunos, mas para o Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac e para a cidade de Santa Maria. Algumas fotos do festival podem ser conferidas no anexo contendo as fotos do processo.

Além do FEBIC, destaco aqui o que julgo ser o momento mais marcante do projeto: ver cada turma trabalhar em conjunto, tanto na produção da história quanto na gravação de seus curtas. Os alunos aprenderam empiricamente o conceito de sinergia: todos trabalhando juntos possuem um valor bem maior que a soma de todos eles individualmente. Eles estavam aprendendo cinema, desenvolvendo a criatividade e - o melhor - estavam contentes ao fazerem isso. É recompensador saber que eles, de fato, gostaram de suas produções e quiseram que mais pessoas as contemplassem.

As lições que os alunos aprenderam durante esses nove meses referentes ao letramento audiovisual, à criatividade, ao trabalho em equipe, à cooperação, à autonomia, à proatividade, a certos conceitos e elementos cinematográficos, à sensibilização artística, à cidadania e a questões éticas e estéticas que a arte possui, extrapolaram as paredes da sala de aula e os muros da escola. Pensando nesse sentido, os filmes foram um mero detalhe no processo.

Avaliação

Aprendizagem

Todas as produções dos estudantes, durante os nove meses de trabalhos, foram de excelente qualidade: desde os debates sobre os filmes, passando pela criação individual de personagens e pela criação coletiva do roteiro, até a gravação dos curtas-metragens. Por se tratar de um trabalho essencialmente artístico, eu não tinha uma base para avaliar a qualidade estética das criações. Em qualquer atividade desse gênero, não acredito que é possível, com efeito, ensinar arte e criatividade, mas sim promovê-las e fomentá-las. Desse modo, a avaliação do trabalho não contemplou apenas as produções finais, mas também o acompanhamento de todo o processo, considerando critérios como o engajamento, as atitudes, o

interesse, o cumprimento dos prazos, o trabalho individual e coletivo. A avaliação de todo esse trabalho, portanto, se deu de forma qualitativa, focada nos processos.

As produções finais estão em um excelente nível de qualidade. Todavia, ouvir os alunos comentando que este foi “o melhor trabalho que já fizeram na vida escolar” ou que “isso mudou o ensino médio” superam qualquer produção. Uma das alunas, diretora do filme Tudo pela vingança, estava pensando em prestar vestibular para o curso de Direito, mas escolheu o curso de Desenho Industrial porque gostou de produzir o filme. Tendo em vista tais experiências, resolvi entrevistar alguns dos estudantes que participaram do projeto, bem como os professores das turmas em que o trabalho foi conduzido, como uma forma de registrar o processo ensino-aprendizagem e o impacto do trabalho nos alunos e na escola. Posteriormente transformei, com ajuda dos dois roteiristas da TV Campus, as entrevistas no documentário Estúdio de criação: o cinema como potência criadora. O documentário, na íntegra, está disponível no youtube e pode ser conferido pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=9RuHUsBcklI>.

Segundo depoimentos dos estudantes, quando propus a atividade, muitos levaram a atividade na brincadeira ou acharam que os filmes não sairiam do papel. Contudo, paradoxalmente, eles ficaram empolgados com a ideia de produzirem algo original dentro do universo audiovisual. Nas primeiras aulas teóricas, os estudantes, em geral, mostraram-se apáticos e mais individualistas. Alguns deles sequer prestavam atenção nos filmes e evitavam ao máximo exporem-se oralmente. Ao longo do processo, entretanto, observamos uma melhoria na participação tanto individual quanto coletiva, principalmente por causa que as turmas perceberam que tinham condições de produzir um filme com boa qualidade.

Durante as gravações já era notável como os alunos estavam extremamente engajados. Eles valiam-se de formas de comunicação instantâneas para tal atividade: os alunos, a partir de grupos de trocas de mensagens on-line, discutiam o roteiro, combinavam detalhes das gravações e expunham sugestões de figurinos, locações, cenário etc. Combinaram até de trazer alguns de seus animais de estimação para algumas cenas. Ressalto aqui um bom exemplo de inclusão durante a produção dos curtas. Uma das alunas é portadora de síndrome de Down e, durante as gravações do filme de sua turma, O candidato, todos os colegas fizeram questão que ele participasse, inclusive como atriz. As atividades práticas mostraram-se aquelas em que os alunos tiveram uma melhor performance.

Notei, consoante depoimentos de meus colegas professores, que essa atividade teve desdobramentos positivos para os estudantes em sala de aula - e não só na área das artes ou das linguagens. Em algumas entrevistas, educadores mostraram-se surpresos porque, após a produção dos filmes, alguns alunos tornaram-se mais interessados em sala de aula, melhoraram o convívio em grupo e começaram a se interessar mais pelas artes e ficção em geral. Alunos que raramente falavam em sala de aula agora eram protagonistas.

Não foi só dentro da sala de aula que os resultados apareceram. Para além dos muros das escolas, destaco como os estudantes revelaram-se engajados socialmente ao organizarem uma mostra com premiação de seus curtas-metragens, com entrada franca para a comunidade de Santa Maria. Isso é uma atitude muito profícua, pois, como defende Paulo Freire, em Pedagogia do oprimido, a ética e a estética não podem ser trabalhadas na educação isoladamente. A formação ética acompanha a estética e vice-versa.

Como mencionado no planejamento, quando iniciei esse trabalho, eu tinha o objetivo principal de gravar um curta-metragem com participação direta dos alunos em todas as etapas de produção e três específicos: promover um letramento das linguagens audiovisuais para os estudantes; estimular a criação

individual e coletiva em sala de aula; e ressignificar o uso de tecnologias como ferramenta de produção artística. Todos eles foram efetivamente alcançados, inclusive superando minhas expectativas. Afirmando isso porque os estudantes, além de produzirem os filmes, quiseram divulgá-los para a comunidade da cidade, visto que eles organizaram espontaneamente uma mostra com prêmios (Festival Bilaquiano de Curtas).

Acredito que essa proximidade dos objetivos com resultados aconteceu devido essencialmente à temática do meu trabalho: ora, o cinema é uma arte pouco trabalhada na escola, mas que os jovens consomem diariamente. Os estudantes - e muitos professores - acreditam, erroneamente, que a escola não é lugar para ensinar/aprender cinema. Isso também foi ressaltado nas entrevistas pós-projeto. Mais do que aprenderem apenas sobre o processo da produção cinematográfica, os alunos, durante esses nove meses, tiveram lições diretas e indiretas sobre letramento audiovisual, criatividade, trabalho em equipe, cooperação, autonomia, proatividade, sensibilização artística, cidadania e questões éticas e estéticas. O aprendizado expandiu-se de tal modo que a escola ficou pequena para os filmes e todas as produções.

Agora, passados alguns meses da realização desse trabalho, concluo que a prática, em geral, foi excepcional, tanto em termos de resultados quanto processos. Os desafios estavam de acordo com suas possibilidades de aprendizagem e as estratégias e atividades propiciaram que o objetivo geral do projeto fosse mais que suficientemente trabalhado, posto que os alunos chegaram a organizar o FEBIC. Ou seja, eles deram um jeito de continuar trabalhando com o cinema para além de minha proposta.

Mal tive tempo de pensar em dar uma continuidade para o projeto porque alunos de outros anos, e meus colegas professores junto com a equipe diretiva, já haviam me solicitado que o fizesse. Obviamente pretendo continuar estudando e ensinando cinema em minhas aulas. Inclusive comecei agora em maio de 2018 um trabalho similar com turmas de 3º ano do ensino médio. No entanto, este ano pretendo produzir uma adaptação de um texto literário clássico: Hamlet, de William Shakespeare. Fiz isso pois quero, a cada ano, uma metodologia diferente para as gravações, a fim de não ficar refém de uma metodologia apenas, como a de criação de personagens. Outro desafio que ainda precisa ser superado em meu trabalho é fazer os alunos participarem da pós-produção, além de estudarem questões técnicas, como planos e jogos de câmera, por exemplo.

A partir desse projeto, recebi convites para ministrar algumas palestras em outras escolas e até um curso de capacitação de professores. A longo prazo, penso em atingir outras turmas e outras instituições de ensino para, talvez, realizar um festival com curtas de estudantes de toda a cidade. Ademais, pretendo estender esse curso para profissionais da educação. O letramento audiovisual não se faz necessário apenas para os jovens, mas para qualquer cidadão. Muitos educadores dizem não trabalhar com cinema por diversos motivos: desconhecem a tecnologia, não sabem que produções são relacionadas com sua disciplina, entre outros. Creio que isso são preconceitos que têm que ser quebrados.

O Estúdio de criação, portanto, teve um impacto efetivo em termos de ensino. A exploração da criatividade, a divisão de posições de decisão e toda a fase da produção dos filmes tiveram reflexos nas atitudes em sala de aula e fora dela. Os alunos puderam trabalhar com mais afinco com tecnologias com as quais que eles já estão acostumados. O consumo de produções audiovisuais é de praxe para os estudantes; contudo, a sensibilização artística e o contato direto com os processos de produção foram um diferencial desse trabalho. De acordo com Marie-Christine Josso, a união da prática com a experiência consolida um eficaz processo educacional e isso talvez justifique a mobilização dos alunos ao longo dessa atividade pedagógica.

Desse modo, o Estúdio de criação foi uma experiência pedagógica bem-sucedida, considerando que a escola propõe, além de ensinar conteúdos, formar cidadãos autônomos e críticos. Creio que o contato dos alunos com o cinema e com a arte em geral mobiliza esse tipo de formação. Além do mais, esse paradigma está intimamente ligado a alguns fundamentos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), como assegurar ao educando a formação comum para o exercício da cidadania, “fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” e de difundir “valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática”.

Espero que o presente relato estimule (futuros) professores ou profissionais da área da educação a trabalharem com criação artística na escola. O cinema é uma modalidade rica, em que os alunos podem expressar pluralidade de experiências e ideias; portanto ideal para se pensar perspectivas otimistas para um avanço social. Com esse trabalho os estudantes foram inseridos em uma formação cinematográfica da qual podemos estimular profissões como atores, diretores, escritores, cineastas, entre outras. Eles puderam ampliar mais ainda o leque do conhecimento e estão mais preparados para trilhar rumos da sua vida pessoal e profissional. Como disse Lawrence Fishburne, em Matrix, não é suficiente conhecer o caminho, você deve ser capaz de trilhar esse caminho.

Reflexão

Durante toda a minha experiência na educação básica, não hesito em afirmar que o desenvolvimento desse trabalho foi a melhor experiência profissional que já tive: acompanhar os alunos criando uma produção artística da qual se orgulham; vê-los debater ideias para melhorar esse projeto coletivo; observar a organização dentro e fora da sala de aula para finalizar algumas gravações e promover um festival para mostrar suas produções para toda a cidade, são algumas das impressões que nunca caberia no contracheque. Isso, com efeito, é o mais próximo do que qualquer escola deveria formar: alunos autônomos, cooperantes e criativos, com sensibilidade artística e noções éticas e estéticas. Muito além do conteúdo descrito em giz em um quadro-negro.

Gostaria, e sei que é possível, que qualquer professor replicasse essa experiência vivida por mim em diferentes contextos. Para isso bastam vontade e planejamento. No meu caso, utilizei bons equipamentos e tive o auxílio de dois profissionais técnicos para a edição final dos filmes. Entretanto, qualquer professor pode fazer uma produção em audiovisual com um celular, por exemplo. Quanto à edição, há programas gratuitos e diversos tutoriais que ensinam a fazê-lo. A vontade é muito mais importante que os equipamentos. Não adianta termos um fogão de última geração se não sabemos cozinhar. Ter vontade de cozinhar é o passo inicial.

Não tenho a pretensão de formar cineastas ou atores ou roteiristas, mas sim abrir as portas da criatividade e provar que os alunos são capazes de produzir arte de boa qualidade, sem limitá-los. O impacto disso para o educando desdobra-se em outras disciplinas e até em sua vida pessoal e social.

Quem se inspira nessa experiência vai deparar-se com a superação de suas expectativas. Muitas vezes nós professores menosprezamos a capacidade criativa e artística do aluno; ou, ainda, a própria escola mostra-se castradora no que diz respeito à criatividade, por priorizar memorização. Porém a juventude é a fase da vida mais criativa, pois os jovens estão passando por fase de autoconhecimento e descobertas sociais e mundanas. Nós, como educadores, temos que ter a sensibilidade de saber usar tal capacidade para promover uma formação ampla (diversas áreas do conhecimento), acolhedora, cooperativa, ética e de qualidade.